

## ECOANDO VOZES E SABERES NAS ENCRUZILHADAS CULTURAIS E EDUCATIVAS

Selma Maria Batista de Oliveira<sup>1</sup>  
 Fabrícia Sales Araújo Vieira<sup>2</sup>  
 Mônica Andrade<sup>3</sup>  
 Áurea da Silva Pereira<sup>4</sup>

### RESUMO

Para esta comunicação propomos discutir as interconexões entre saberes tradicionais, culturais e educativos, explorando como essas múltiplas dimensões se entrelaçam nas encruzilhadas da formação de identidades, das práticas educativas e da produção de cultura e conhecimento. A proposta parte de uma abordagem interdisciplinar, articulada a partir de pesquisas de doutoramento em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, vinculado ao Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II, em Alagoinhas. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada nos aportes da pesquisa (auto)biográfica e narrativa, bem como dos estudos culturais e de identidade. Essa abordagem permite compreender as narrativas como construções sociais, subjetivas e históricas, atravessadas por disputas simbólicas e relações de poder. Ao mobilizar essas memórias narradas, buscamos problematizar as dinâmicas culturais e os modos de ampliação dos espaços de escuta e de expressão, especialmente nos contextos educativos e comunitários, em que corpo, identidade e narrativa se entrelaçam na construção de pertencimento e de sentido. As narrativas são compreendidas como espaços de disputa simbólica, onde se manifestam conflitos, silenciamentos e resistências em torno da valorização dos saberes, das tradições e das experiências vividas. Ao iluminar essas vozes, pretende-se contribuir para o fortalecimento de epistemologias que reconhecem a pluralidade cultural como uma potência para a produção de conhecimento, reafirmando os saberes populares como elementos constitutivos da identidade e da cultura.

**Palavras-chave:** Narrativas docentes; Narrativas de vaqueiros; Saberes tradicionais; Identidade; Pluralidade cultural.

### INTRODUÇÃO

A investigação sobre saberes, práticas e narrativas situadas no contexto cultural e educativo tem se mostrado central para compreender como identidades, memórias e conhecimentos se constroem em contextos sociais e históricos específicos. Com abordagem interdisciplinar, articulada a partir de pesquisas de doutoramento em

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: Endereço eletrônico: selmamboliveira@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Curso de Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Professores. Endereço eletrônico: Endereço eletrônico: fabriciasalesaraujovieira@gmail.com;

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: monicaandrade\_23@hotmail.com;

<sup>4</sup> Doutora pelo Curso de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Endereço eletrônico: aureauneb@gmail.com; Professora orientadora.

desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, estes estudos mobilizam diferentes campos do conhecimento para investigar as interconexões entre saberes tradicionais, comunitários e acadêmicos.

Trata-se de pesquisas que têm como foco o estudo de narrativas de prática e de formação de professores da Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de Salvador - BA, conduzida pela doutoranda Fabrícia Sales; Narrativas (auto)biográficas de professoras da Educação Básica da rede municipal de Guanambi-Ba sob desenvolvimento da doutoranda Selma Maria; e as narrativas de vaqueiros do município de Andorinha, no Sertão da Bahia, conduzida pela doutoranda Mônica Andrade. Esses estudos se inserem no campo da cultura e da educação, com atenção especial às práticas que articulam experiências individuais e coletivas, destacando a formação, a produção de sentidos e a construção de pertencimento nos contextos analisados.

A proposta textual aqui apresentada situa-se nas encruzilhadas<sup>5</sup> culturais e educativas: narrativas de docentes e de vaqueiros, compreendendo-as como territórios simbólicos em que diferentes experiências e identidades se encontram, se tensionam e se ressignificam. Inspirada nos aportes teóricos dos estudos culturais e das pesquisas (auto)biográficas e narrativas, buscamos discutir as formas pelas quais as narrativas de sujeitos, como professoras e vaqueiros, revelam processos de construção identitária e de resistência cultural. As narrativas, enquanto dispositivos de memória e de afirmação de pertencimento, constituem-se como estratégias de produção de sentidos e de enfrentamento às formas de silenciamento impostas por uma racionalidade excludente.

Em sociedades plurais como a brasileira, em que distintas matrizes culturais, étnicas e territoriais coexistem e se entrelaçam, torna-se urgente reconhecer as experiências e vozes historicamente silenciadas e marginalizadas como parte constitutiva dos processos formativos e da construção da identidade coletiva. Essa pluralidade epistemológica, marcada por tensões, resistências e diálogos, revela-se como campo fértil para debates que atravessam as encruzilhadas entre saberes acadêmicos, populares e tradicionais.

A reflexão proposta parte da compreensão de que os saberes tradicionais, transmitidos oralmente e ancorados em experiências comunitárias, configuram formas

<sup>5</sup> A noção de encruzilhada, adotada neste estudo, inspira-se nas reflexões de Rufino (2019), para quem esse espaço simbólico representa o encontro entre diferentes trajetórias, saberes e temporalidades, lugar de tensão, criação e reinvenção de sentidos. RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

legítimas de conhecimento que coexistem com os saberes científicos. No entanto, a lógica hegemônica da modernidade ocidental, centrada em epistemologias eurocêntricas, tem, ao longo do tempo, silenciado e deslegitimado essas expressões culturais, reforçando hierarquias simbólicas e epistemológicas. É nesse contexto que se tornam necessárias abordagens que valorizem a diversidade de vozes e saberes, reconhecendo o caráter plural e intercultural das práticas sociais, culturais e educativas, como espaços de disputa e de emancipação.

A partir de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, pretende-se refletir como essas vozes ecoam nos espaços educativos e sociais, problematizando as dinâmicas culturais que permeiam as práticas pedagógicas e as relações de poder presentes na produção de conhecimento. O texto busca, assim, contribuir para o fortalecimento de epistemologias que reconhecem a pluralidade cultural como potência criadora e transformadora, abrindo caminhos para uma formação comprometida com a escuta, a inclusão e a valorização dos saberes populares.

O foco na interdisciplinaridade, articulando os estudos culturais, a crítica cultural e a pesquisa narrativa (auto)biográfica, oferece uma perspectiva ampliada sobre a produção de conhecimento. Essa abordagem possibilita compreender não apenas os saberes formalmente ensinados na escola, mas também aqueles produzidos, compartilhados e reconhecidos em outros contextos sociais e culturais, valorizando a pluralidade de experiências e formas de conhecimentos.

## METODOLOGIA

O texto desta comunicação resulta de uma discussão interdisciplinar, articulada a partir de pesquisas em desenvolvimento. Nos estudos em questão, a abordagem metodológica é qualitativa, fundamentada nos aportes da pesquisa narrativa, dos estudos culturais e das reflexões sobre identidade. Essa perspectiva permite compreender as narrativas como construções sociais, subjetivas e históricas, atravessadas por disputas simbólicas e relações de poder, valorizando a escuta sensível das experiências de vida e a memória como forma legítima de produção de conhecimento.

Antônio Chizzotti (2014) define a pesquisa qualitativa como aquela que questiona a neutralidade dos discursos e considera a realidade mutável e fluente, buscando interpretar os eventos a partir dos significados que as pessoas atribuem ao que falam e fazem.

Como principal instrumento de construção de dados, foram utilizadas entrevistas narrativas, técnica que privilegia a reconstrução das trajetórias de vida e profissionais dos participantes, permitindo apreender afetos, sentidos e experiências que emergem das narrativas. Essa abordagem reforça a centralidade da voz e da memória na compreensão das práticas e dos saberes situados. Assim como nas pesquisas com as narrativas docentes, na pesquisa com os vaqueiros de Andorinha, as práticas culturais e corporais dos vaqueiros também são consideradas como narrativas, pois que o corpo, enquanto instrumento de memória e tradução de afetos também narra, conta uma história nas linhas da experiência, do vivido.

Os estudos adotam, uma perspectiva qualitativa de caráter (auto)biográfico e narrativo, ancorada nos estudos culturais e nas epistemologias do Sul (2019). Tal escolha metodológica decorre da necessidade de compreender os sujeitos e suas práticas em suas dimensões simbólicas, afetivas e históricas, considerando que os processos de formação e produção de saberes se constroem a partir das experiências vividas e das narrativas delas decorrentes. Josso (2010) ressalta que o método (auto)biográfico possibilita acessar trajetórias de vida como espaços de aprendizagem e reconstrução identitária, conferindo centralidade à voz e à memória dos participantes.

Mais do que uma técnica de coleta e análise de dados, a perspectiva qualitativa aqui adotada constitui uma atitude epistemológica que reconhece a complexidade das relações humanas e a importância da subjetividade na produção de conhecimento (MINAYO, 2012). Ela possibilita apreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e como estes se expressam nas práticas educativas e culturais, promovendo um diálogo contínuo entre o vivido, o narrado e o interpretado.

O campo empírico é constituído por contextos educativos e comunitários nos quais emergem narrativas de professoras e dos vaqueiros, sujeitos que expressam modos distintos, porém interconectados, de viver e transmitir saberes. Essas narrativas são compreendidas como produções culturais que revelam experiências de resistência, pertencimento e memória coletiva.

A seleção dos participantes seguiu critérios de pertinência e disponibilidade, buscando incluir sujeitos que reconhecessem em suas trajetórias o vínculo entre saberes tradicionais e práticas educativas. As histórias de vida, relatos orais e registros escritos constituem o corpus da pesquisa, sendo interpretados como expressões simbólicas, políticas e epistêmicas de produção de conhecimento.

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas narrativas, conversas dialogadas e registros reflexivos elaborados pelos próprios participantes e pelas pesquisadoras. Esses materiais são tratados como textos narrativos, nos quais a temporalidade, as emoções e os significados emergem de forma integrada. A análise segue uma lógica interpretativa e hermenêutica, inspirada em Ricoeur (1994), buscando compreender as narrativas como construções de sentido que articulam dimensões individuais e coletivas.

O processo analítico envolve três movimentos interdependentes de: Leitura sensível e escuta atenta das narrativas, priorizando a compreensão da experiência vivida; Identificação de temas e categorias emergentes, como identidade, pertencimento, resistência e saberes tradicionais; e Interpretação dialógica entre os discursos dos participantes e o referencial teórico, a fim de evidenciar como as vozes narradas expressam disputas simbólicas e processos de reexistência cultural.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão proposta insere-se no diálogo com os estudos culturais, compreendidos como um campo interdisciplinar que articula teoria e política, ao mesmo tempo que problematiza as relações entre cultura, poder e identidade. Nessa perspectiva, compreender as narrativas e as práticas culturais implica reconhecer os processos de construção simbólica que configuram os sujeitos e os grupos sociais. Essa abordagem rompe com a visão essencialista e hierárquica da cultura, concebendo-a não como um conjunto fixo de valores, mas como um território de disputa simbólica e de produção de sentidos (HALL, 1997).

Compreender a cultura, portanto, implica reconhecê-la como um espaço de negociação e conflito, no qual se produzem e se legitimam formas de saber, modos de ser e de pertencer. É nesse campo de tensões que se constitui a identidade, entendida, conforme Stuart Hall (2003), não como uma essência estável, mas como um processo histórico e discursivo, permanentemente atravessado por deslocamentos e relações de poder.

Para Hall (2003), a identidade não é fixa, mas um processo de construção contínua, marcado por deslocamentos e negociações simbólicas. Ela é moldada pelas representações e pelas práticas discursivas que atravessam os sujeitos em contextos sociais, políticos, históricos e culturais específicos. Assim, compreender a identidade

implica reconhecer sua natureza relacional, híbrida e inacabada, uma construção situada nas fronteiras e nas encruzilhadas culturais em que diferentes matrizes simbólicas se entrecruzam e se redefinem.

A noção de identidade como processo também pressupõe reconhecer o papel das narrativas na constituição dos sujeitos e das coletividades. É por meio da narrativa que os sujeitos constroem sentidos para suas experiências, elaborando versões de si e do mundo. Como aponta Christine Delory-Momberger (2008), “não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Assim, a narrativa é compreendida como uma prática de significação que dá forma ao vivido, conferindo-lhe coerência e sentido, ao mesmo tempo em que evidencia as marcas do social, do histórico e do cultural. Para Momberger (2008), as narrativas agem sobre a realidade, modelam identidades e experiências, configuram o vivido, não são meramente produtos passivos das estruturas sociais, mas forças ativas na construção de sentido.

Essa concepção dialoga com a proposta de Homi Bhabha (1998), ao compreender a cultura como um espaço de tradução e negociação constante, um “entre-lugar”, onde as identidades se produzem no contato e no conflito entre diferenças. As encruzilhadas culturais e educativas analisadas neste estudo podem ser lidas como esses espaços de fronteira, onde saberes, memórias e práticas se tensionam e se reconfiguram. Nesses territórios simbólicos, as narrativas de professoras e de vaqueiros expressam tanto processos de resistência quanto de reinvenção identitária, revelando modos plurais de produção de conhecimento e de pertencimento.

Homi Bhabha (1998) também contribui para essa discussão ao propor o conceito de terceiro espaço, entendido como um lugar de tradução cultural e de emergência de novas formas de subjetividade. Nesse espaço intersticial, as identidades não se apresentam como puras ou homogêneas, mas como produções híbridas, resultantes do contato e da negociação entre culturas distintas. Tais concepções permitem compreender que as práticas educativas e culturais são sempre atravessadas por relações de poder e por disputas simbólicas, nas quais determinadas vozes são legitimadas enquanto outras são silenciadas.

Nesse sentido, o conceito de hibridação cultural proposto por Néstor García Canclini (2008) amplia esse debate ao discutir a hibridação cultural como característica estruturante das sociedades latino-americanas. Para o autor, as culturas não são

entidades isoladas, mas redes de intercâmbios e reinterpretações constantes. Essa abordagem desafia a lógica colonial e eurocêntrica que historicamente hierarquizou os saberes. Essa visão oferece subsídios para repensar a educação como um território de diálogo entre diferentes rationalidades, práticas e modos de viver, reforçando a ideia de que identidade e cultura se constroem nos encontros e tensões entre diferenças.

Ao situar as narrativas nesse campo de forças, os estudos culturais oferecem uma lente potente para compreender as relações entre saber, poder e identidade, evidenciando que toda produção de conhecimento está imersa em contextos históricos e políticos específicos. Tomaz Tadeu da Silva (2000) reforça essa compreensão ao afirmar que as identidades são constituídas por meio de práticas discursivas que delimitam fronteiras simbólicas e definem quem pode ser reconhecido como sujeito legítimo em determinados contextos. Assim, pensar as identidades sob a ótica dos estudos culturais significa reconhecer seu caráter performativo, relacional e contingente, atravessado por múltiplas narrativas e por disputas de representação.

Nessa direção, compreender as identidades e as narrativas de sujeitos situados, como professoras e vaqueiros, implica reconhecer os processos de significação que se produzem nas interações entre saberes tradicionais, comunitários e acadêmicos. As encruzilhadas culturais tornam-se, portanto, lugares de criação e resistência, nos quais emergem vozes e práticas que desafiam as hierarquias de poder e de conhecimento impostas pela racionalidade moderna e eurocêntrica. A partir dos estudos culturais, é possível afirmar que a identidade não é dada, mas narrada, disputada e continuamente reconstruída nas tramas culturais e educativas do cotidiano.

Essa articulação entre identidades, narrativas e saberes confluentes encontra ressonância nas reflexões de estudiosos como Nêgo Bispo, cuja trajetória quilombola oferece um potente contraponto à “monocultura do saber”. Em suas proposições, os saberes tradicionais: orais, comunitários, territoriais, são concebidos como fluxos vivos de conhecimento que demandam confluência com os saberes acadêmicos, sem serem reduzidos ou assimilados por eles.

Assim, essa perspectiva sobre identidade e narratividade situadas conecta-se diretamente às discussões sobre os saberes tradicionais e as chamadas epistemologias do Sul (SANTOS, 2010; WALSH, 2009), que ressaltam a necessidade de reconhecer a diversidade de formas de conhecer que coexistem no mundo. Boaventura de Sousa Santos (2018) critica a “monocultura do saber científico” e propõe uma ecologia de saberes, baseada no diálogo entre conhecimentos diversos: acadêmicos, populares,

ancestrais e espirituais. Essa abordagem valoriza o saber enraizado na experiência e nas práticas comunitárias, abrindo espaço para epistemologias plurais, interculturais e descolonizadoras.

Catherine Walsh (2009) amplia essa perspectiva ao enfatizar que as epistemologias do Sul não se limitam a um conjunto de teorias, mas se configuram como práticas políticas de reexistência e de afirmação cultural. Nessa mesma direção, Djamila Ribeiro (2017) defende a importância do lugar de fala como categoria epistemológica e política, reconhecendo que todo conhecimento é produzido a partir de uma posição social situada. Valorizar as vozes historicamente marginalizadas significa, portanto, romper com as hierarquias coloniais e reconhecer a legitimidade dos saberes produzidos nas margens.

A articulação entre saberes tradicionais e educação contemporânea demanda, ainda, uma escuta sensível às práticas culturais locais, como as narrativas de vaqueiros, parteiras, quilombolas, ciganos e povos indígenas, cujas experiências corporificam modos de conhecer e ensinar. Esses saberes, transmitidos pela oralidade e pela vivência, revelam outras rationalidades, nas quais corpo, território e memória se entrelaçam na produção de conhecimento. Desse modo, pensar uma educação comprometida com a pluralidade cultural implica reconhecer que não há uma única forma de aprender, ensinar e narrar o mundo, alertando para o risco do que Chimamanda Ngozi Adichie (2019) denominou “perigo de uma história única”, que consiste na redução da complexidade das experiências humanas a uma narrativa dominante, silenciando vozes e modos de ser diversos.

A educação, entendida como prática cultural é também um campo de disputa e de emancipação. Paulo Freire (1996) concebe a educação como um ato político de libertação, baseado no diálogo e na problematização crítica da realidade. Para o autor, ensinar exige escuta, respeito ao saber do outro e valorização das experiências cotidianas como fontes legítimas de conhecimento. Essa perspectiva se aproxima das reflexões de bell hooks (2013), que entende o ato educativo como prática de liberdade e como espaço de construção de subjetividades autônomas e plurais.

No campo educacional, as narrativas constituem-se como uma via privilegiada para compreender os processos de formação e de construção de sentidos. Segundo Paul Ricoeur (1994), narrar é uma forma de dar coerência à experiência vivida, organizando o tempo e a memória em uma trama que confere significado à existência. As narrativas



biográficas e autobiográficas, portanto, não apenas relatam fatos, mas revelam modos de ser e de estar no mundo, evidenciando dimensões éticas, afetivas e culturais.

Walter Benjamin (1987) já advertia que a narrativa é um ato de transmissão de experiência e de memória coletiva, e que sua força reside no vínculo entre quem conta e quem escuta. Nesse sentido, o ato de narrar torna-se também um gesto político: ao partilhar histórias silenciadas, os sujeitos desafiam as estruturas de poder que tentam apagá-las. Assim, a narrativa não é apenas um método de pesquisa, mas uma forma de resistência e de reinscrição de identidades marginalizadas.

Marie-Christine Joso (2010) e António Nóvoa (2017) reforçam a importância da narrativa (auto)biográfica como dispositivo formativo, capaz de promover a reflexão crítica sobre a trajetória pessoal e profissional. Ao revisitá-las, os sujeitos reconstruem identidades e reconfiguram suas práticas, integrando experiências individuais e coletivas. No contexto da pesquisa qualitativa, a abordagem narrativa possibilita compreender como as vozes de docentes, vaqueiros e membros de comunidades tradicionais constroem e compartilham saberes a partir de suas vivências.

A partir dessas concepções, as práticas pedagógicas podem ser compreendidas como territórios de encontro e de confronto entre diferentes visões de mundo. A escola e os espaços comunitários tornam-se, assim, locais de encruzilhada, onde vozes, corpos e memórias se cruzam, ecoando histórias de pertencimento e resistência. Reconhecer a educação como dimensão cultural significa admitir que ela não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a produção simbólica, afetiva e política dos sujeitos.

Nesse contexto, o desafio contemporâneo consiste em construir práticas educativas que dialoguem com a diversidade cultural, promovendo o reconhecimento das múltiplas vozes que compõem o tecido social. Nas encruzilhadas culturais e educativas, o aprendizado se realiza no entrelaçamento de saberes, no encontro de experiências e na escuta das narrativas que ecoam de lugares historicamente silenciados.

É nesse território plural que se fundamenta a proposta desta comunicação, que busca refletir como as narrativas situadas de professoras e vaqueiros - desde as experiências de formação e prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos em Salvador, das narrativas (auto)biográficas de professoras da Educação Básica em Guanambi, até as vivências culturais de vaqueiros em Andorinha - evidenciam a produção de sentidos, a construção de pertencimento e a articulação entre diferentes formas de conhecimento.

A partir dessas pesquisas, busca-se contribuir para o fortalecimento de epistemologias abertas à diferença e à interculturalidade, reconhecendo a pluralidade cultural e educativa como eixo central da construção de saberes, identidades e práticas sociais, valorizando igualmente os conhecimentos historicamente marginalizados e as múltiplas formas de compreender e narrar o mundo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas que compõem este estudo evidencia a potência das experiências individuais e coletivas como lugares de produção de saberes e de afirmação identitária. Nas vozes de docentes e de vaqueiros, emergem discursos atravessados por memórias, afetos e pertencimentos que desafiam as fronteiras entre o popular e o acadêmico, o tradicional e o moderno, o rural e o urbano. Essas narrativas ecoam como práticas de resistência, reafirmando a pluralidade cultural que constitui o tecido social brasileiro.

As narrativas dos docentes participantes revelam a consciência crescente de que ensinar e aprender ultrapassam a dimensão técnica e se inscrevem em uma trama cultural e simbólica mais ampla. Muitos desses sujeitos associam suas trajetórias à necessidade de repensar a escola como espaço de escuta e diálogo, onde as histórias de vida e os saberes locais possam ser reconhecidos como parte do processo educativo. Em seus relatos, o ato de narrar aparece como exercício de autoformação, no qual a memória e a experiência se entrelaçam na (re) construção de sentidos sobre o fazer pedagógico.

De modo semelhante, as narrativas dos vaqueiros trazem à tona práticas culturais e modos de vida profundamente marcados pela oralidade, pela convivência comunitária e pela relação com o território. Suas histórias revelam o valor simbólico do trabalho, da lida com o gado e das festas tradicionais como formas de transmissão de saberes. Mais do que retratar um ofício, as narrativas desses sujeitos constituem verdadeiros arquivos da memória sertaneja — lugares de resistência frente aos processos de marginalização cultural e de homogeneização identitária.

Ao colocar em diálogo essas diferentes vozes, o estudo identifica um ponto de convergência: tanto docentes quanto vaqueiros afirmam, por meio da palavra narrada, sua pertença a uma comunidade de saberes que valoriza a experiência e a memória como dimensões formadoras. Nesse sentido, as narrativas tornam-se estratégias de

reexistência (WALSH, 2009), pelas quais os sujeitos reinscrevem suas histórias e desafiam as epistemologias hegemônicas que tentam deslegitimar seus conhecimentos.

As encruzilhadas culturais e educativas, configuram-se neste estudo como espaços de encontro, tensão e transformação. Nelas, saberes acadêmicos e saberes tradicionais não se opõem, mas se entrelaçam e se ressignificam mutuamente no movimento de tradução cultural (BHABHA, 1998).

Do mesmo modo, as experiências narradas pelos vaqueiros demonstram que o saber tradicional não é estático, mas dinâmico e inventivo. As histórias transmitidas de geração em geração revelam um conhecimento ecológico e simbólico profundamente enraizado no território, que envolve práticas de cuidado, solidariedade e espiritualidade. Essas formas de saber coexistem e dialogam com novas tecnologias e transformações socioculturais, configurando uma pedagogia do cotidiano que valoriza o aprendizado pela experiência e pela convivência.

Assim, as encruzilhadas culturais funcionam como metáforas da própria condição humana — lugares de travessia e de criação, onde as fronteiras se desfazem e novos significados emergem. É nesse espaço híbrido e plural que a educação pode se reinventar como prática intercultural e emancipatória.

Apesar de seu potencial emancipador, as experiências analisadas também revelam tensões que atravessam o campo educacional. Muitos docentes relatam o desafio de legitimar os saberes populares em um contexto escolar ainda pautado por padrões eurocêntricos e currículos normativos. Do mesmo modo, as narrativas dos vaqueiros apontam para o risco do apagamento cultural diante das transformações econômicas e tecnológicas que afetam o modo de vida sertanejo.

Esses desafios explicitam a necessidade de políticas públicas e de práticas pedagógicas que promovam uma verdadeira ecologia de saberes (SANTOS, 2018), na qual diferentes conhecimentos possam coexistir em diálogo e respeito mútuo. A educação intercultural, nesse sentido, exige uma postura ética e política de abertura à diferença, que reconheça os sujeitos como portadores de histórias, saberes e visões de mundo diversas.

Nas encruzilhadas culturais e educativas, o diálogo entre tradição e inovação torna-se condição para a produção de novos sentidos e para o fortalecimento da pluralidade epistemológica. É nesse território simbólico e político que se situam as vozes e saberes que ecoam neste estudo: vozes que, ao narrarem e serem ouvidas, reinventam o modo de compreender a educação e a própria existência.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou refletir como os saberes tradicionais, culturais e educativos se entrelaçam nas encruzilhadas das práticas narrativas, da construção identitária e da produção de conhecimento. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na pesquisa (auto)biográfica e narrativa, foi possível perceber que docentes e vaqueiros constroem, por meio de suas histórias de vida, modos singulares de transmissão de saberes, reflexão sobre experiências e afirmação de pertencimento.

Os resultados preliminares evidenciam que as narrativas funcionam como espaços de resistência e reexistência cultural, nos quais vozes historicamente marginalizadas encontram eco e legitimidade. Ao mobilizar memórias e experiências individuais, docentes e vaqueiros revelam que o aprendizado se dá em múltiplos registros, sejam afetivos, simbólicos, culturais e políticos. Assim, as encruzilhadas culturais não apenas situam os sujeitos em contextos híbridos, mas também oferecem oportunidades para a construção de epistemologias plurais, capazes de valorizar a diversidade e promover a pluralidade epistemológica.

Nesse sentido, a valorização das narrativas e dos saberes tradicionais não apenas enriquece o processo educativo, mas também fortalece identidades e comunidades, possibilitando que experiências e memórias singulares sejam preservadas, reinterpretadas e transmitidas. Os estudos apontam para a necessidade de políticas educacionais e práticas pedagógicas que incorporem a diversidade cultural de forma efetiva, reconhecendo a riqueza das vozes locais e comunitárias. As narrativas de docentes e vaqueiros mostram que, ao ouvir e valorizar diferentes formas de conhecimento é possível construir espaços educativos mais inclusivos, críticos e significativos — encruzilhadas onde saberes, histórias e identidades se encontram, se transformam e ecoam para além do presente, projetando possibilidades para futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **O narrador.** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BHABHA, H.K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998.



DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. São Paulo; Natal: Paulus; EDUFRN, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas:** Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à Prática Educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

hooks, bell. **Ensinand o Transgredir:** A Educação como Prática da Liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** Trad. José Cláudio Rocha; Nilda Alves. São Paulo: Cortez, 2010.

NÓVOA, António. **Os Professores e a Sua Formação.** 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** 3 v. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Edições Almedina S/A: Portugal, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fim do Império Cognitivo:** A Afirmação das Epistemologias do Sul. São Paulo: Autêntica, 2018.

SILVA, T. da S. **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença:** A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad:** Luchas (De)coloniales de Nuestra Época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar / Abya-Yala, 2009.

